

# Leituras do passado e narrativas sobre o Brasil nas primeiras décadas do século XIX: a contribuição francesa\*

Readings of the colonial past and historical narratives about Brazil in the early XIX<sup>th</sup> century: the French contribution

---

**Bruno Franco Medeiros**

Mestrando

Universidade de São Paulo (USP)

bfrancomedeiros@gmail.com

Av. Prof. Lineu Prestes, 338

São Paulo - SP

05508-000

Brasil

---

## Resumo

Este artigo trata de alguns apontamentos sobre a tradição historiográfica francesa nas primeiras décadas do século XIX e sua compreensão acerca dos problemas históricos originados a partir da reorganização do Império Português com a vinda da Corte para o Brasil e posteriormente pela independência do Império do Brasil. A partir da análise de conceitos como colonização, revolução e outros relacionados à experiência do tempo, pretendemos mostrar como nas primeiras décadas do século XIX esses conceitos ainda eram mobilizados em torno das características pré-modernas do conceito de história, os quais só sofreriam uma alteração significativa, no sentido de compreender a história de um ponto de vista de ruptura com uma realidade anterior, a partir da década de 1830.

## Palavras-chave

Colônia; Independência; Historiografia brasileira.

## Abstract

This article deals with some characteristics about the French historiographic tradition in the initial decades of the XIX<sup>th</sup> century and its understanding on the historical problems originated from the reorganization of Portuguese Empire when the Portuguese Court came to Brazil and later, when the Brazilian Empire became independent. From the analysis of concepts like colonization, revolution and others connected with the experience of time, we show how these concepts was combined with the pre-modern characteristics of the concept of history. This concepts went through changes about the 1830 decade, when the history was understood like a gap between past and future.

## Keyword

Colony; Idependence; Brazilian historiography.

---

Enviado em: 07/04/2010

Autor convidado

---

\* Este artigo é um dos resultados parciais da pesquisa de mestrado que desenvolvo no Departamento de Pós-Graduação em História Social na Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Iris Kantor. Esta pesquisa conta com apoio da CAPES.

Pensar nas leituras do passado colonial da América portuguesa e nas narrativas sobre o Brasil nas primeiras décadas do século XIX evoca de imediato o contexto da crise dos impérios ibéricos e o processo de formação dos Estados Nacionais americanos. Os diagnósticos acerca da decadência do reino de Portugal no início do século XIX e o papel atribuído ao Brasil nessa conjuntura moldaram a experiência do tempo e a constituição das narrativas sobre o passado luso-brasileiro nesse período (ARAUJO, 2008; NOVAIS, 1979). A vinda da Corte para o Brasil em 1808, ao deslocar a centralidade do reino de Portugal no interior do Império Português para a colônia, contribuiu para agravar o sentimento de crise que assolava Portugal desde o século XVIII. Desde esse século a identidade americana era reformulada pelos trabalhos acadêmicos dos Esquecidos e Renascidos na Bahia, através dos quais se tentou conferir singularidade à história americana no interior da história do Império Português (KANTOR, 2004).

Uma das formas apontadas pelos homens desse tempo – tanto em Portugal quanto no Brasil – para solucionar ou ao menos amenizar essa crise foi a necessidade de escrita de uma história filosófica e geral que solvesse esses problemas. No entanto, essa tarefa não foi cumprida por nenhum português ou brasileiro do período. Encontramos esses problemas sintetizados em memórias esparsas, mas não reunidas numa obra de história. A primeira tentativa de escrita de uma história geral do Brasil sairia da pena de um autor estrangeiro, o inglês Robert Southey (1774-1843), que publicou o primeiro volume de sua história em 1810, apesar de sua obra ser completada somente em 1819 com a publicação do terceiro e último volume da sua *History of Brazil* (DIAS 1967; 1974). Desde a publicação do primeiro volume da história de Southey, as teorias delineadas pelo quadro da civilização européia eram aplicadas na compreensão de uma história do Brasil entendido como unidade autônoma em relação à história de Portugal (PIMENTA & ARAUJO, 2009: 127-129). John Armitage publicaria em 1835 em Londres uma história do Brasil que serviria de continuação à história de Southey e que logo foi traduzida para a língua portuguesa (VARELLA, 2008).

Com o crescente sentimento de crise que abalava o Antigo Regime, a América despontava no cenário europeu desde meados do século XVIII como a salvaguarda de um tesouro perdido, o que conseqüentemente acarretou um grande interesse pela escrita de sua história. A presença de uma monarquia no continente americano em meio a várias repúblicas nos primeiros anos do século XIX aumentou esse interesse sobre o Brasil, principalmente na França de Luís XVIII, na época da Restauração do trono francês. Uma das principais características que moldou as narrativas sobre o Brasil nesse momento foi o debate acerca do conceito de colonização, o qual foi orientado por distintas leituras do passado colonial americano. Ora encontramos autores que descrevem a colonização portuguesa de maneira positiva, ora criticando a empresa colonizadora a partir de seu caráter despótico.

O Abade Guillaume Thomas François Raynal (1713-1796), parece ter sido aquele que inaugurou o tema da colonização européia na América como despótica

e opressora, portanto, uma leitura negativa da colonização. Quando publicou pela primeira vez e de maneira ainda anônima a sua *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* a partir de 1770 (obra que teve uma excepcional recepção na América em fins do século XVIII), Raynal escrevia a história de dois mundos : o antigo e o novo. A América é descrita em sua narrativa como um mundo inocente e natural dos selvagens que fora conservado até o momento como uma crítica indireta ao despotismo europeu. A história européia passou a ser representada através da tirania enquanto a história americana deveria ser compreendida como um mundo de inocência natural. Os dois continentes – Europa e América – pareciam os dois lados de uma balança: quando um sobe o outro desce (KOSELLECK, 1999: 152-153).

As narrativas sobre a América e aquelas dedicadas ao Brasil preocuparam-se em grande medida com a construção de prognósticos, que tentavam solucionar os projetos de futuro a partir de um presente incerto. Prognósticos acerca da emancipação das colônias americanas já apareciam desde as primeiras obras do Abade Dominique-Georges-Frédéric de Riom de Prolhiac de Fourt de Pradt (1759-1837). Com ampla recepção no contexto luso-americano no início do século XIX, as idéias de De Pradt tornavam-se cada vez mais referência positiva para aqueles que acreditavam na possibilidade e na inevitabilidade da separação entre Portugal e Brasil (PIMENTA, 2010).

Com a transferência da Corte em 1808, o Brasil alcançou não só uma nova dignidade política no interior do Império português, mas também uma nova dignidade histórica. Essa percepção, atrelada a uma sensação de aceleração do tempo, atribuiu ao presente um caráter de fundamentação mítica, o que orientou um olhar direcionado ao futuro marcado por incertezas em relação ao desdobramento dos acontecimentos do presente. A partir da fórmula de Leibniz – *o presente está prenhe de futuro* – muito utilizada pelos atores políticos de então, consolidava-se uma experiência do presente como um momento de transição para um futuro que se buscava prognosticar. Além disso, essa fórmula orientou a produção do modelo da *história contemporânea* no mundo luso-brasileiro ao menos desde 1808, quando se buscou resolver as incertezas de um futuro incerto a partir da investigação sistemática do presente que se vivia (ARAUJO 2008, p. 96).

Os clássicos da Antigüidade, com seus modelos formais de escrita da história baseado nos anais, serviam de molde para a escrita desse tipo de história (Ibidem). O modelo da crônica/anais, o relato do que acabara de acontecer, seria a forma mais adequada para fixar os acontecimentos, pois as convulsões e mudanças políticas e sociais que assolavam a sociedade a todo instante impediam a apreensão de um sentido total da história que então se constituía (PIMENTA & ARAUJO Op. Cit, p.128).<sup>1</sup> Essa sensação de aceleração

<sup>1</sup> Ressalte-se a importância assumida pelo *tempo presente* na noção de história em Hipólito da Costa, editor do *Correio Brasiliense*. Hipólito da Costa sublinhava o empenho do *Correio* em assumir um compromisso com a verdade histórica, pois os jornais seriam os anais modernos de onde os historiadores futuros retirariam seus fatos.

do tempo e a impossibilidade que ela acarretou na fixação dos acontecimentos históricos foram descritas pelo Abade de Pradt em 1817 da seguinte forma:

Quando em 1800 lhe apresentamos as premissas de nossas reflexões sobre a questão das Colônias, nós só podíamos ter em vista expor para o público os princípios, por assim dizer, os primeiros traços da ordem colonial. Nossos esforços foram restritos à demonstração de uma teoria que esperasse a confirmação dos fatos. *Ela não se fez esperar, pois no tempo onde nós vivemos, a asa do tempo segue bem perto, quando não ultrapassa, a pluma do escritor (...).* (DE PRADT 1817a, p. i)<sup>2</sup>

Ou quando falou sobre a utilidade da estatística:

A consideração da rapidez com a qual as mudanças foram operadas nos conduziu a usar com sobriedade os cálculos de estatística. No estado atual do mundo, a estatística geral e positiva não existe mais; a mobilidade e rapidez que caracterizaram as metamorfoses que tiveram lugar nos últimos vinte e cinco anos, são os maiores inimigos dessa ciência, amiga da fixidez; e a estatística só se parelha com as bolsas de comércio, que dão conta somente do curso do dia, e que não tem nem véspera nem dia seguinte. (DE PRADT 1817a, p.vi-vii)<sup>3</sup>

Uma das conseqüências dessa aceleração do tempo foi uma constante necessidade de reescrever a história a partir do acúmulo dos novos acontecimentos. Sendo assim, em julho de 1817, quatro meses após publicar o *Des Colonies*, De Pradt publicou *Des trois derniers mois de l'Amérique Méridionale et du Brésil*, no qual tratava de atualizar o público a respeito dos últimos acontecimentos na América Meridional e no Brasil (DE PRADT, 1817b).

A partir da Independência do Brasil, a leitura do passado colonial brasileiro sofreu alterações significativas: se até então a história do Brasil era entendida como parte integrante da história do Império Português, a partir de então os esforços se dirigiram para a construção da história do Império do Brasil. A seguir, analisaremos essa passagem do *status* da história do Brasil, levando em consideração sua relação com conceitos relacionados à experiência do tempo e ao conceito de história.

### **Basta ser lida como História de Portugal**

Em dezembro de 1815, o *Investigador Portuguez na Inglaterra* dava a notícia da publicação da *Histoire du Brésil* de Alphonse de Beauchamp (1767-

---

<sup>2</sup> No original : «« (...) Lorsqu'en 1800 nous lui présentâmes les prémices de nos réflexions sur la question des Colonies, nous ne pouvions avoir en vue que d'exposer devant lui les principes et, pour ainsi dire, les premiers linéamens de l'ordre colonial. Nos efforts étaient bornés à la démonstration d'une théorie qui attendait la confirmation des faits. Elle ne s'est pas fait attendre, car dans le temps où nous vivons, l'aile du temps suit de bien près, quand elle ne la devance pas, la plume de l'écrivain (...). »

<sup>3</sup> No original: « La considération de la rapidité avec laquelle ces changemens ont été opérés nous a conduits à user avec sobriété des calculs de statistique. Dans l'état actuel du monde, la statistique générale et positive n'existe plus ; la mobilité et la rapidité qui ont caractérisé les métamorphoses qui ont eu lieu depuis vingt-cinq ans, sont les plus grands ennemis de cette science, amie de la fixité ; et la statistique ne ressemble plus qu'aux bourses de commerce, qui tiennent compte seulement du cours du jour, et qui n'ont ni veille ni lendemain. »

1832) num artigo intitulado *Estados Unidos da America. Conjecturas politicas das vistas, que parece ter o Governo Americano sobre a Revolução Hespanhola, com algumas applicaçoes aos destinos do Brazil*. Neste artigo percebemos o lugar que o Brasil deveria assumir na conjuntura do Império português naquele momento:

As forças físicas do novo mundo são intrinsecamente superiores às da Europa, e só lhes falta o desenvolvimento progressivo, que o tempo de necessidade lhes há de dar. Em uma palavra, o novo mundo pode passar sem a Europa. (...) Assim que o trono português passou o Atlântico, ganhou uma independência, que já ninguém no mundo (com tanto que lá se conserve) é capaz de lhe roubar. (...) Sim, as descobertas de Cabral devem dar ao trono Português uma base indestrutível, e que de hoje em diante zombe para sempre de todas as futuras ambições Européias. *O Brasil poderá em todos os tempos, e em todas as hipóteses, defender a integridade e a independência de Portugal; porém Portugal, como centro da Monarquia, não poderá em muitas hipóteses defender-se a si, nem o Brasil (...)* (INVESTIGADOR PORTUGUEZ 1815, p.217-219).

Para os editores do periódico, o parágrafo com o qual Alphonse de Beauchamp encerrava o terceiro e último volume da sua história parecia-lhes análogo às idéias que acabavam de descrever. Na tradução deste parágrafo ao fim do artigo, os editores do periódico ressaltavam as palavras de Beauchamp acerca da emigração de D. João VI para o Rio de Janeiro, a qual concedia ao Império do Brasil grandes esperanças, ao mesmo tempo em que o Império ali fundado parecia escolhido providencialmente para cumprir o destino tão desejado para Império português, sendo *o Brasil o local da energia de uma nação ressuscitada, pois Lisboa já parecia pouco brilhante e muito precária para cumprir tais desígnios*. Ao concluir o artigo, os editores diziam o seguinte:

Ora se até os estranhos nos estão dando tão úteis lições, e nos traçam a estrada da Independência, da Fortuna, e da Glória, será possível que nós as desprezemos? Não: *O quinto Império, profetizado pelas nossas Sybilas, está a ponto de realizar-se*. Não desmintamos nem os bons agouros domésticos, nem as altas esperanças do mundo! (Ibidem)

Certamente, a transferência e o funcionamento da Corte no Brasil a partir de 1808 acentuaram a noção de que cada vez mais a regeneração de Portugal se tornava um plano de difícil realização. O Brasil passava a ser considerado como um lugar privilegiado para os planos de uma regeneração e restauração do passado glorioso de Portugal. Em 1815, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) tentava encontrar uma solução para retirar Portugal de sua decadência, com a publicação de uma memória sobre o replantio dos bosques na qual diagnosticava a decadência física de Portugal para, logo em seguida, elevar esse diagnóstico à decadência moral (ARAUJO 2008, p.30). O diagnóstico da decadência e do atraso de Portugal era recorrente nesse período não só entre os homens de Portugal e do Brasil, mas também de outros países europeus. A impressão de De Pradt tinha da situação de Portugal naquele momento acentuava o atraso português perante as outras nações européias:

Portugal permaneceu estacionário, em meio ao avanço geral das luzes e da indústria entre os outros povos; ele não aumentou sua marcha sobre seus progressos; e, na falta de ter seguido os seus passos, ele permaneceu muito longe deles (...).

Portugal viria receber a punição de todos os seus esquecimentos, logo quando da passagem do rei ao Brasil veio alterar seu estado colonial, se isolando de sua preciosa colônia, e lhe transmutando ele mesmo em colônia, e ela em metrópole. (DE PRADT 1817a, p.332-336)<sup>4</sup>

O Brasil passou a ser considerado a partir de então a sede da monarquia portuguesa *ressuscitada*. As palavras inaugurais da *Histoire du Brésil* de Beauchamp já deixavam isso bem claro:

As expedições marítimas e a história dos estabelecimentos dos Portugueses na Índia relembram sua antiga glória; mas esse grande e belo episódio de seus anais colocam sob os olhos o triste quadro da decadência de sua potência e de sua monarquia. Um mais vivo interesse acompanha a história da origem das vicissitudes, dos progressos de seus estabelecimentos no Brasil, da fundação e do desenvolvimento prodigioso deste novo império do hemisfério austral, hoje o seio da potência portuguesa ressuscitada e o centro de seu comércio e de suas riquezas (BEAUCHAMP 1815, p.iii).<sup>5</sup>

*A Histoire du Brésil* de Beauchamp foi imediatamente traduzida em Portugal em 1817 na oficina de Desidério Marques Leão, dois anos após a publicação em Paris. Ao que parece, a tradução fora uma empresa coletiva, a qual envolvia, além de Marques Leão, Pedro Ciryaco da Silva e Pedro José Figueiredo (SILVA, 1858). Essa tradução portuguesa concorreu ainda com outra tradução realizada no Brasil em 1819 pelo Padre Ignacio Felizardo Fortes e publicada pela Tipografia Nacional no Rio de Janeiro. Infelizmente Felizardo Fortes não pode concluir sua tradução, tendo falecido antes.<sup>6</sup> O seu objetivo ao traduzir a história de Beauchamp deveu-se ao fato de ele não concordar com a tradução feita em Lisboa, pois duvidava de sua legitimidade.<sup>7</sup>

A tradução portuguesa saiu em 11 volumes. Do primeiro ao sexto volume, a história de Beauchamp fora traduzida integralmente com notas do tradutor, as quais alertavam para os possíveis erros cometidos pelo historiador francês. Do sétimo ao décimo primeiro volume, os tradutores decidiram continuar a história de Beauchamp a partir da data em que este encerrou sua obra, no ano de 1810. Os acontecimentos posteriores a essa data continuaram a ser narrados

---

<sup>4</sup> No original : « Le Portugal est resté stationnaire, au milieu de l'avancement général des lumières et de l'industrie parmi les autres peuples ; in n'aas gradué sa marche sur leurs progrès ; et, à défaut d'avoir suivi leurs pas, il est resté fort loin d'eux. Tandis que les autres Européens (...).

Le Portugal allait recevoir la punition de tous ces oublis, lorsque le passage du roi au Brésil est venu dénaturer son état colonial, en l'isolant de sa précieuse colonie, et le changeant lui-même en colonie, et elle en métropole. »

<sup>5</sup> No original : « Les expéditions maritimes et l'histoire des établissements des Portugais dans l'Inde rappellent leur ancienne gloire ; mais ce grand et bel épisode de leurs annales remet aussi sous les yeux le triste tableau de la décadence de leur puissance et de leur monarchie. Un plus vif intérêt accompagne l'histoire de l'origine des vicissitudes, des progrès de leurs établissements au Brésil, de la fondation et du développement prodigieux de ce nouvel empire de l'hémisphère austral, aujourd'hui le siège de la puissance portugaise ressuscitée et le centre de son commerce et de ses richesses ». (Grifos meus)

<sup>6</sup> A tradução inconclusa de Felizardo Fortes teve somente dois volumes publicados.

<sup>7</sup> Infelizmente não tivemos acesso ao primeiro volume de sua obra. Não encontrado nos catálogos das principais bibliotecas do Brasil, o segundo volume pode se encontrado na Biblioteca Nacional de Portugal.

pelos tradutores, e cada volume trazia a seguinte indicação: *Historia do Brazil, desde 1807 até o presente; originalmente composta em portuguez para servir de continuação à que se publicou vertida do francez*. Até o tomo VIII, que data de 1820, o frontispício de cada volume trazia a dedicatória à S. M. R. D. O Sereníssimo Senhor Dom Pedro de Alcântara, Príncipe do Brasil. No primeiro volume, Marques Leão publicou o pedido feito ao Príncipe para patrocinar tal empresa.

Quando, em 1819, se empreendeu o projeto de continuação da história do Brasil de Beauchamp, Marques Leão recorreu novamente às benesses do príncipe do Brasil, pedindo a Dom Pedro de Alcântara que continuasse com seu patrocínio. Assim ele se dirigia ao príncipe:

Senhor,  
Aquele mesmo que tomou a ousadia de oferecer a V. A. a *História do Brasil* traduzida do Francês em Português, com as boas esperanças de ser patrocinado atreve-se segunda vez a valer-se da Autoridade, e Proteção de V. A., dedicando-lhe a continuação desta mesma Historia. A muita benignidade de V. A., e o ânimo favorável, e patrocinador, que mostra a respeito das letras, é que o meu a obrá-lo. A oferta é muito pequena, mas julgo que a boa e sincera intenção de quem não pode fazer mais servirá de desculpa. Ao mesmo tempo que suplico a V.A. queira magnanimamente patrocinar a obra, se digne perdoar-me o oferecer-lha sendo insuficiente. Deus seja servido por muitos anos conservar a V. A. a estimável vida para amparo dos bons portugueses.  
A.V. V.  
B. as R. M.  
Desidério Marques Leão. (BEAUCHAMP 1819)

94

Quatro anos após a publicação desse volume, ao fazer uma espécie de balanço da História do Brasil de Beauchamp e sua importância para a história do Brasil e de Portugal, Marques Leão diz que se houveram falhas na história escrita por Beauchamp, tais falhas deviam-se ao fato de o autor estar no estrangeiro e de não poder desfrutar de alguns recursos como o seria facultado a um nacional. O fato de Beauchamp ter conseguido extrair de notícias vagas, inexatas e incompletas um material suficiente para produzir uma história do Brasil, "talvez a mais importante obra que há saído debaixo de sua pena esclarecida" (BEAUCHAMP 1823, p.viii-ix), o tornava um autor digno de ser traduzido. Além disso, a história do Brasil de Beauchamp "basta [ria] ser lida como História de Portugal para ser lida com gosto" (Ibidem).

A expectativa da regeneração de Portugal no Brasil descrita na *Histoire du Brésil* de Beauchamp demonstra que aí a experiência do tempo era mobilizada a partir das referências tradicionais do conceito de história, a partir de uma compreensão cíclica do tempo. Isso fica mais claro quando Beauchamp utiliza o conceito de revolução para explicar a restauração do trono português com o fim da união ibérica:

Tal era a situação do Brasil, quando em 1º de dezembro de 1640 Lisboa viu surgir em seu seio a *revolução* que colocou a casa de Bragança sobre o trono de Portugal, seu legítimo herdeiro. (...) As causas naturais e imediatas da *revolução* de Bragança se tomam no sentimento da opressão sob a qual

sofreram depois de muito tempo os Portugueses. (BEAUCHAMP 1815, p.111).

O conceito de revolução aqui é entendido mais como o retorno a uma situação anterior depois de “um longo eclipse” (Idem, p.439),<sup>8</sup> originado pela submissão de Portugal ao reino de Espanha, do que o aparecimento de uma situação inusitada. A metáfora utilizada por Beauchamp para designar o período do qual Portugal emerge – o eclipse – remete às características naturais do conceito de revolução, baseado no movimento dos astros e planetas. A metáfora natural do conceito tradicional de revolução política baseava-se no pressuposto de que o tempo histórico, por ter sempre a mesma qualidade, era passível de repetição, (KOSELLECK 2006, p.61-77). O início e o fim desse eclipse na história de Portugal – a morte do rei Sebastião e a ascensão de d. João IV ao trono em 1640 – são entendidos por Beauchamp como duas revoluções. A partir do caráter de repetição da organização política, a revolução política pode ser considerada como repetição, como restauração da situação anterior à união das duas coroas.

Essa compreensão do conceito de revolução aplicado ao fim da união das duas Coroas ibéricas em 1640 já havia sido tratada pelo Abade René-Aubert Vertot (1655-1735), membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* que escrevera em 1690 a *Histoire de la Conjuration de Portugal*, transformada em 1711 em *Histoire des révolutions du Portugal*. Com uma série de reedições até o século XX, essa obra foi continuada em 1809 por Pierre-Marie-Louis de Boisgelin de Kerdu (1758-1816), o qual continuou a história do Abade Vertot até a vinda da Corte para o Brasil. Na obra original de Vertot de 1711, a revolução é o restabelecimento da monarquia portuguesa após o fim da união das duas Coroas. A classificação da obra de Vertot feita por Nicolas Lenglet Dufresnoy (1674-1755) em seu *Méthode pour étudier l'histoire* – obra de grande sucesso no século XVIII (GRELL 1993, p.5) – foi incluída na seção *Histoire de Portugal depuis la Révolution*. A seção anterior a essa foi intitulada *De l'union de Portugal à la Castille* (DUFRESNOY 1735, p. 1567-1571).

Essa compreensão tradicional do passado ordenou os fatos relatados na *Histoire du Brésil* de Beauchamp de forma cronológica e cumulativa, na qual a cronologia controlava a história e não o contrário. A obra é dividida em três volumes, os quais se conformam a partir de 44 livros ao todo. No início de cada livro está fixada uma relação de datas que definiram o quadro a ser narrado.<sup>9</sup> Isso pressupõe que um presente contínuo é enriquecido com os fatos do passado, o qual sofre uma espécie de alargamento que origina um espaço de experiência homogêneo e constante.

Numa historiografia cumulativa dominada pela cronologia, o tipo de periodização que se estabelece não remete às novidades trazidas com o passar

<sup>8</sup> Beauchamp refere-se ao período em que Portugal ficou sob domínio da coroa espanhola durante a união das duas coroas como um longo eclipse na sua história.

<sup>9</sup> Por exemplo, o primeiro livro tem como limites cronológicos as datas 1139-1499. Esses limites cronológicos na *Histoire du Brésil* sofre variações, podendo comportar desde séculos, como no caso acima relatado, ou mesmo décadas, o que é mais comum quando se passa à narrativa da história do Brasil a partir de 1500.

do tempo, mas sim aos novos dados proporcionados pelo passado, acumulando-se assim uma experiência desse passado, neste caso, o passado português, mas com ênfase na narrativa dos sucessos acontecidos na América Portuguesa (ZERMEÑO 2008, p.7; KOSELLECK, 2006). A continuação da história de Beauchamp pelos editores da tradução portuguesa, assim como a continuação da obra de Vertot por Boisgelin são características de uma *historiografia aditiva*. Nesse tipo de historiografia, as periodizações não remetem à novidade do tempo em que o escritor se encontra: exige-se apenas que ele recolha os acontecimentos dignos de serem narrados e que precisam cada vez mais ser bem organizados. Sendo assim, a historiografia aditiva corresponde de certa forma a uma experiência estática do tempo, regrada mais pelas características tradicionais do conceito de história do que pelo moderno (KOSELLECK 2006, p.274-276)

A crescente valorização que o espaço americano vinha sofrendo no interior do Império português desde a vinda da Corte para o Brasil alimentou o sentimento de que a crise pela qual este império passava podia ser superada. Porém, o que não se podia prever é que a valorização da história do Brasil acentuaria as diferenças entre metrópole e colônia. A produção de narrativas sobre o Brasil no período pré-independência, as quais salientavam uma história do Brasil com traços específicos de Portugal pode ser considerado um dos motes do desenvolvimento e viabilização do projeto político da independência (PIMENTA, 2007). A partir de então o debate sobre o processo de colonização portuguesa na América baseado na crítica a essa colonização assume uma importante centralidade na construção do Império do Brasil a partir da década de 1820.

96

### ***L'injustice à la fin produit l'indépendance*** <sup>10</sup>

Em 1823, Victor-Laurent-Suzanne-Moïse Angliviel de la Beaumelle (1772-1831) relatou que os grandes eventos que surgiam depois de algum tempo sobre a história naquele momento sucediam uns aos outros com tanta rapidez que eles só tocavam ligeiramente a imaginação. Porém, um desses eventos, segundo Beaumelle, parecia ser fecundo em resultados: era a emancipação do Brasil, (LA BEAUMELLE 1823, p.i). O primeiro capítulo de sua obra *L'Empire du Brésil* iniciava com uma reflexão sobre as mudanças na extensão dos Estados:

Como o corpo individual, o corpo social tem um começo e um fim; da mesma forma que após a morte os agregados que compunham o corpo do homem vivo se resolvem em novas combinações, e forma novos seres; assim, em épocas inevitáveis, as nações que tinham uma individualidade a perdem, e seus elementos se resolvem em novas soberanias. O fato é incontestável; a história inteira nos atesta (Idem, p. 1).<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Epígrafe da quarta seção do livro de Beaumelle sobre o Império do Brasil, intitulada *De la Révolution Impériale*.

<sup>11</sup> No original : « Comme le corps individuel, le corps social a un commencement et une fin ; de même qu'à la mort les agrégats qui composaient le corps de l'homme vivant se résolvent en nouvelles

Os exemplos que Beaumelle utiliza para testificar sua afirmação são todos retirados de historiadores da Antiguidade: Homero, Plínio, Estrabão, César e Tácito. Aqui, pode-se notar o mesmo que Valdeci Araujo avaliou sobre as reflexões de Bonifácio acerca do replantio dos bosques em Portugal: o lugar, mais que o tempo, organiza a narrativa (ARAUJO 2008, p.25-50). Beaumelle discorre sobre o crescimento das nações e os fatos que geralmente concorrem para que isso aconteça, mas deixa claro que há uma força antagônica que a combate nesse processo, e que em certas circunstâncias pode acabar por dividi-las: é o desejo de independência, cuja cada uma das partes de uma vasta monarquia é dotada, assim como cada indivíduo. Esse desejo, associado ao crescimento de uma força própria numa parte afastada dessa monarquia, tornaria a separação tão necessária quanto havia sido sua adesão. Não seria fácil reconhecer todas as circunstâncias que tendem ao esfacelamento dos Estados, mas um dos mais significativos seria, evidentemente, seu afastamento em relação ao centro do império (BEAUMELLE 1823, p.4-5).

As colônias são fracas, prossegue Beaumelle, e esse sentimento de fraqueza as fazem aderir ao estado que as fundou. Pouco a pouco elas se expandem, e segue que o governo aí se torna mais difícil, e não tarda para as colônias perceberem que seu território é suscetível de ter fronteiras naturais e sua emancipação aparece então na primeira circunstância. Aparece, diz Beaumelle, pois é evidente que "*a independência deve existir de fato antes de ser declarada*". Portanto, seria necessário ver na emancipação das colônias em relação a seus centros imperiais não atos de indivíduos mais ou menos louváveis com suas intenções puras, mas "*somente os fatos sociais desenvolvidos pela evolução sucessiva dos diferentes eventos que lhes preparou*" (Idem, p. 9-10). Para Beaumelle, não seria em vão buscar nos tempos antigos a origem de direitos novamente reclamados e conclui:

(...) Como não existe intervalo brusco nos eventos, assim como nas constituições políticas e na organização dos indivíduos, a natureza procede gradualmente, *natura non facit saltus*; se tomará nos antigos documentos da história dos povos o germe dos fatos cujo nós somos os testemunhos, e o conhecimento de sua origem servirá para que nós os possamos julgar melhor. (Idem, p. 11)

Ao defender que não existe intervalo brusco nos eventos e que a natureza não dá saltos (mobilizando a fórmula antiga *natura non facit saltus*, utilizada por Leibniz e Isaac Newton), Beaumelle tentava barrar a sensação de aceleração do tempo sobre a qual falava no início de seu opúsculo, ao declarar que os eventos atropelavam uns aos outros com uma rapidez incrível. A mobilização do conceito de germe serviu para lidar com uma visão histórica marcada por retrocessos e descontinuidades, e, principalmente, funcionou como contrapeso à noção catastrófica de revolução (ARAUJO 2008, p.34). Encontramos essa noção também em De Pradt, quando este autor definiu o conceito de revolução e sua relação com a história americana:

A revolução das Colônias não é um evento fortuito ou inesperado, ela é somente o produto necessário do desenvolvimento dos elementos cujo elas se compõem, dos germes que elas encerram, das instituições que lhes regem, da ciência das mãos que lhes governaram. (DE PRADT 1817a, p.xiv)<sup>12</sup>

O que entra em jogo no relato de Beaumelle e que se tornaria um lugar comum no discurso político do processo de Independência é a noção da Providência atuando na história como elemento estabilizador da aceleração do tempo: "(...) pois, se estes eventos são o resultado de uma disposição providencial, se eles são o lugar dos fatos que passaram e que, se passaram, estão fora do poder humano" (BEAUMELLE 1823, p.10). A independência do Brasil não foi vista por Beaumelle como uma ruptura com a ordem estabelecida anteriormente. Considerada uma revolução e cessada a idéia tão clara até então que "para regenerar Portugal [os portugueses] deveriam submeter o Brasil" (Idem, p. 73)<sup>13</sup>, a independência do Brasil não teria sido realizada através de ruptura, mas sim dos eventos preparados desde muito tempo por eventos anteriores, ela mesma um produto da Providência (Idem, p.95).

Encontramos em Beauchamp e Beaumelle algumas passagens que reforçam o caráter providencial da história em relação à independência do Brasil. Segundo Beauchamp, a emancipação de um jovem império, porém já poderoso, foi um decreto da divina Providência (BEAUCHAMP 1824, p.XII). O autor reforça essa idéia em vários momentos de sua obra sobre a Independência do Brasil, como na passagem que segue:

Dom Pedro tem se tornado imperador do Brasil, como o duque d'Anjou se tornou rei da Espanha, sob o nome de Filipe V; como Fernando de Bourbon se tornou rei de Nápoles, a título hereditário; e quase como Fernando VII substitui Carlos IV a Aranjúès, depois de sua abdicação. No Brasil, mesma legitimidade, mesma necessidade de conservar o princípio monárquico e a hereditariedade da coroa. Podemos dizer que a legitimidade, esta ordem de sucessão estabelecida pela Providência, tem sido legalmente promulgada no Brasil na pessoa de Dom Pedro (Idem, p.45).<sup>14</sup>

Ao justificar a impossibilidade do restabelecimento da dependência do Brasil a Portugal, Beaumelle usou como epígrafe a seguinte passagem retirada dos Atos dos Apóstolos, cap. 5, vers. 38-9:

Agora vos digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens perecerá; mas se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais porventura, achados lutando contra Deus.

---

<sup>12</sup> No original: « La révolution des Colonies n'est pas un événement fortuit ou inattendu, elle n'est que le produit nécessaire du développement des éléments dont elles se composaient, des germes qu'elles renfermaient, des institutions qui les régissaient, de la science des mains qui les ont gouvernées (...). »

<sup>13</sup> O contexto da citação refere-se à discussão sobre o estatuto colonial do Brasil nas Cortes de Lisboa. Segue a citação na íntegra: « [...] Ils ne pouvaient pas être douteux; puisqu'elles avaient attribué à l'indépendance du Brésil la décadence du Portugal; il était clair que pour régénérer le Portugal elles devaient soumettre le Brésil. Aussi, elles commencèrent, même avant l'arrivée des députés coloniaux, à prendre des mesures relatives à ce pays. »

<sup>14</sup> A primeira parte dessa citação é uma das partes copiadas por Beauchamp da obra de Beaumelle.

Sabemos através de José da Silva Lisboa (1756-1835) que Beauchamp utilizara da obra de Beaumelle para produzir sua narrativa sobre a Independência do Brasil (LISBOA, 1826; DINIZ, 2009). Certamente Beauchamp se valeu não só de algumas idéias da obra de Beaumelle como também chegou a copiar algumas partes dessa obra. A diferença que podemos traçar entre os dois autores é que enquanto Beaumelle está mais preocupado com uma reflexão filosófica a respeito dos motivos que levaram à independência do Brasil, Beauchamp se posiciona mais como um historiador tradicional do processo de independência, preocupado mais em fixar os acontecimentos do que estabelecer uma reflexão filosófica a partir dos fatos registrados.

Ao negar qualquer tipo de escravidão no Brasil, Beauchamp reforçou a história da colonização portuguesa no Brasil como uma história de exploração, um tipo de leitura que estava ausente da *Histoire du Brésil*: “a única escravidão que pesava fortemente sobre o Brasil era aquela do monopólio; ela era odiosa; ela oprimia todas as partes do império (...)” (BEAUCHAMP 1824, p.6-7).<sup>15</sup> Abria-se um caminho, portanto, para a leitura da colonização como opressão e exploração, um tipo de discurso correntemente utilizados pelos atores políticos do período no Brasil. Como dizia a epígrafe que Beaumelle escolheu para a seção de seu livro intitulada *De la Révolution Impériale, ao fim a injustiça produziu a independência*. Porém, uma das críticas mais severas de Beauchamp à colonização como forma de opressão viria não da América Portuguesa, mas sim da outra América, a Espanhola. Ao falar sobre a conquista espanhola no Peru, Beauchamp dizia:

[...] Isabel e o virtuoso Las Casas: desde os primeiros tempos da descoberta eles fizeram prevalecer os princípios da religião que lhes inspira tão nobres esforços. [...] Mas a corte de Madri não fez reviver essas máximas de moderação e de humanidade, ao colocar os Peruanos sob o julgo arbitrário e vergonhoso dos conquistadores espanhóis e seus descendentes [...]. Tal era, depois de quase um século, a condição dos Peruanos. Desprovidos de suas riquezas, excluídos dos empregos e honras, pelos quais eles se mostravam insensíveis, todos nasciam e morriam escravos da coroa de Espanha (BEAUCHAMP 1808, p.172-174).<sup>16</sup>

A leitura da colonização portuguesa como opressora teve um intenso debate na tradição historiográfica francesa no início do século XIX. Na década de 1820, foi publicada em Paris a coleção *Résumés de l'histoire de tous les peuples anciens et modernes*. O objetivo dessa coleção era uma apresentação resumida dos conhecimentos da literatura e da legislação dos povos de todo o mundo. O objetivo do editor da coleção era formar uma *história universal* para

<sup>15</sup> Essa é outra passagem que Beauchamp copiou de Beaumelle sem o citar. A passagem na obra de Beaumelle está na página 161 da edição que utilizamos.

<sup>16</sup> No original: [...] Isabelle et le vertueux Las Casas: dès les premiers temps de la découverte, ils firent prévaloir les principes de la religion qui leur inspira de si nobles efforts. [...] Mais la cour de Madri ne fit revivre ces maximes de modération et d'humanité, que pour soustraire les Péruviens à l'assujétissement arbitraire et vexatoire des conquérans espagnols et de leurs descendans [...]. Tell est, depuis près d'un siècle, la condition des Péruviens. Dépouillés de leurs richesses, exclus des emplois et des honneurs, pour lesquels ils se montrent d'ailleurs insensibles, tous naissent et meurent serfs de la couronne d'Espagne [...].

uso de um público menos especializado (levando em consideração seu preço reduzido e o tamanho reduzido da obra), para que este público pudesse construir uma *petite bibliotheque historique*. Vários autores franceses ficariam responsáveis pela escrita dos resumos de cada país pré-definido. É nessa coleção que Ferdinand Denis (1798-1890) publicou em 1825 o *Résumé de l'histoire du Brésil suivi du résumé de l'histoire de la Guyane*. Um ano depois, Denis publicaria pela mesma casa editorial o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi de l'histoire littéraire du Brésil* (ROUANET 1991). Na mesma coleção, Alphonse Rabbe (1784-1829) publicou os *Résumés* da história de Portugal e da Espanha. Através do conhecimento dessa coleção percebemos uma mudança significativa na compreensão que se tinha nesse momento das histórias do Brasil e de Portugal. Se até pouco tempo antes de 1822, a história do Brasil era compreendida como parte da história de Portugal, na coleção ambas são contadas a partir de narrativas distintas, inclusive fisicamente, em livros também distintos.

Se o resumo de história literária do Brasil teve que vir depois do resumo da história literária de Portugal, fora uma oportunidade que Denis encontrou para criticar os trezentos anos de opressão colonial portuguesa na América, o que contribuiu, segundo análise feita por alguns críticos que observaram esta obra de Denis, para sufocar a constituição de uma literatura nacional brasileira (CÉSAR, 1978). Ao iniciar a parte dedicada à literatura do Brasil no *Résumé*, Denis dizia:

Durante muito tempo a América meridional, submetida ao jugo de duas potências européias, parecia condenada a lhes fornecer riquezas sem compartilhar sua glória. Com a necessidade da liberdade sentiu-se no Novo Mundo um desejo ardente de aumentar seus conhecimentos. Nós não estamos mais no tempo onde se poderia reter os Americanos sob dependência pelas ligações políticas e por aquelas da ignorância. Onde nós arrancamos ouro, nós deixamos escapar o germe de todos os conhecimentos; nós veremos o que produzirá essa mudança, que se fez freqüentemente apesar de nós, pois na maior parte dos estados da América do Sul os livros eram proibidos, ou viriam se esconder nas bibliotecas dos monges, e que lá com muita freqüência uma ignorância ociosa os desdenhava (DENIS 1826, p. 513-514).<sup>17</sup>

## Conclusão

No início do século XIX, características tradicionais e modernas do conceito de história conviviam (não necessariamente de forma pacífica) no mesmo contexto discursivo do debate acerca do passado colonial brasileiro, tanto no mundo luso-brasileiro quanto em outras tradições historiográficas européias.

<sup>17</sup> No original : « Pendant long-temps l'Amérique méridionale, soumise au joug de deux puissances européennes, sembla condamnée à leur fournir des richesses sans partager leur gloire. Avec le besoin de la liberté on a senti dans le Nouveau-Monde un désir ardent d'accroître ses connaissances. Nous ne sommes plus au temps où l'on pouvait retenir les Américains sous la dépendance par les liens politiques et par ceux de l'ignorance. Où nous avons arraché de l'or, nous avons laissé échapper le germe de toutes les connaissances ; nous verrons ce que produira cet échange, qui se faisait souvent malgré nous, puisque dans la plupart des état de l'Amérique du sud les livres étaient prohibés, ou venaient s'enfouir dans le bibliothèques des moines, et que là trop souvent une oisive ignorance les dédaignait. »

Na França, particularmente afetada pela Revolução, as tentativas de desacelerar seus efeitos foram amplamente mobilizadas por aqueles que participaram ativamente desse acontecimento, particularmente aqueles grupos ligados à monarquia francesa. Vimos que através do conceito de *germe* e da mobilização de exemplos do passado tentou-se, a partir da experiência histórica americana, empreender conceitos que de certa forma serviram como contrapeso à noção catastrófica de revolução, ao vislumbrar projetos de futuro motivados por um espaço de experiência orientado pelo passado e não a partir do rompimento com ele.

As características modernas do conceito de história levariam algum tempo para se estabilizar no contexto luso-brasileiro, o que só aconteceria por volta da década de 1850 quando houve uma crescente despolitização – se é possível pensar uma historiografia desprovida de influências políticas – da escrita da história em favor de uma história mais científica, representada no Brasil pela clássica obra *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen (ARAUJO 2008, p. 135-184).

Na França, esse quadro começou a sofrer um intenso desgaste a partir da Revolução de Julho de 1830, quando uma série de acontecimentos tornava cada vez mais clara a impossibilidade de reconstituição das formas de vida do Antigo Regime. Foi justamente a partir da experiência americana que Alexis de Tocqueville (1805-1859) proferiu a seguinte sentença em 1835<sup>18</sup>: “Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, o espírito humano erra nas trevas”. A partir dessa sentença é possível pensar no surgimento de um novo tempo, moderno, como uma ruptura com uma realidade anterior (KOSELLECK 2006, p. 47), embora na década de 1820, François-René de Chateaubriand já revisse seus escritos produzidos durante a Revolução Francesa e em sua viagem à América com certo cuidado, acenando para a impossibilidade de compreensão da história a partir de paralelos entre antigos e modernos: a *historia magistra vitae* ia se afastando cada vez mais da compreensão do passado desses homens, concedendo lugar a uma nova experiência do tempo (HARTOG 2003).

101

## FONTES

BEAUCHAMP, Alphonse de. *Histoire de la Conquête et des Révolutions du Pérou*. Paris: Lenormant: LeRouge, 1808. 2 tomos.

\_\_\_\_\_. *Histoire du Brésil, depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810*. Paris: Aléxis Eymery, 1815. 3 tomos.

\_\_\_\_\_. *L'Indépendance de l'Empire du Brésil, présentée aux monarques européens*. Paris: Delaunay, 1824.

\_\_\_\_\_. *Historia do Brazil desde seu descobrimento em 1500 até 1810 / vertida*

---

<sup>18</sup> Data da primeira edição de *De la démocratie en Amérique*.

*de francez, e accrescentada de muitas notas do traductor. Offerecida a S.A.R. o Serenissimo Senhor D. Pedro de Alcântara.* Lisboa : Na Officina de J.F.M. de Campos, 1817-1834.

BEAUMELLE, Victor-Laurent-Suzanne-Moïse Angliviél de la. *L'Empire du Brésil.* Paris: Bossange Frères, 1823.

DENIS, Ferdinand. *Resume de l'histoire du Brésil, suivi du résumé de l'histoire de la Guyane.* Sécond Édition. Paris : Lecointe et Durey, 1825.

\_\_\_\_\_. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi de l'histoire littéraire du Brésil.* Paris : Lecointe et Durey, 1826.

DE PRADT, Dominique-Georges-Frédéric de Riom de Prolhiac de Fourt. *Des Colonies et de la Révolution actuelle de l'Amérique.* Tome premier. Paris : F. Bechet & A. Égron. 1817. (A)

\_\_\_\_\_. *Des trois derniers mois de l'Amérique Méridionale et du Brésil.* Paris : Bechet, 1817.

DUFRESNOY, Nicolas Lenglet. *Methode pour etudier l'histoire avec un catalogue des principaux Historiens, & des Remarques sur la bonté de leurs Ouvrages, & sur le choix des meilleures Editions.* Paris : Pierre Gandouin, 1735.

LISBOA, José da Silva. *História dos principais sucessos do Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1826.

*O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Politico, &c.* Numero LIV (No. 2, Vol. XIV). Londres: T. C. Hansard, Dezembro de 1815.

RABBE, Alphonse. *Résumé de l'histoire de Portugal, depuis des premiers temps de la monarchie jusqu'en 1823.* Seconde édition. Paris : Lecointe et Durey, 1824.

SILVA, Inocência Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocência Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brazil.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

## **Bibliografia**

ARAUJO, Valdei Lopes de. "História dos conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade ibérica". *Almanack Brasiliense.* nº 07. Maio. 2008.

\_\_\_\_\_. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na Formação Nacional Brasileira: 1813-1845.* São Paulo: Hucitec, 2008

CÉSAR, Guilhermino (org.). *Historiadores e Críticos do Romantismo.* A contribuição europeia: crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco.* Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

- \_\_\_\_\_. "O Brasil na historiografia romântica inglesa. Um estudo de afinidades de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott". *Anais do Museu Paulista*. Tomo XXI. São Paulo, pp. 7-108, 1967.
- DINIZ, Bruno. Cayru e o primeiro esboço de uma História Geral do Brasil Independente. *História da Historiografia*, No. 2, 2009, pp. 260-6.
- HARTOG, François. *Régimes d' Historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.
- KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. São Paulo: Hucitec; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Uerj, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- PIMENTA, João Paulo G. *Brasil y las Independencias de Hispanoamerica*. Castelló de La Plana: Publicacions de La Universitat Jame I, 2007.
- \_\_\_\_\_. "A independência do Brasil como uma revolução: história e atualidade de um tema clássico". *História da Historiografia*. Ouro Preto. número 03. Setembro. 2009.
- \_\_\_\_\_. & ARAUJO, Valdei Lopes de. "História (Brasil)". In\_\_: João Feres Jr. (org.). *Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- \_\_\_\_\_. De Raynal a De Pradt: apontamentos para um estudo da idéia de emancipação da América e sua leitura no Brasil. *Almanack Braziliense*, v. 11, p. 88-99, 2010.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- VARELLA, Flávia Florentino. "Repensando a *História do Brasil*: apontamentos sobre John Armitage e sua obra". *Almanack Brasiliense*. nº8. Novembro. 2008.
- ZERMEÑO, Guillermo Padilla. "História, experiência e modernidade na América ibérica, 1750-1850". *Almanack brasiliense*. Nº07. Maio. 2008.